

AS RIMAS DA ECOPEDAGOGIA: UMA PERSPECTIVA AMBIENTALISTA

Aloísio Ruscheinsky¹

Resumo

A educação ambiental ainda encontra-se em busca de seus pressupostos, de seus fundamentos e de suas proposituras a fim de sulcar o seu leito na história. O termo ecopedagogia possui o intuito de vir a ser uma ênfase que venha a dar conta das angústias e do imaginário de educação ambiental. Nossa reflexão supõe que a teoria encontra-se no âmbito de qualquer prática, inclusive a pedagógica. Ao suscitar explicação e fundamentação da prática, iluminando-a e conduzindo-a, a teoria se apresenta sempre em processo de renovação. O intuito do texto consiste em destacar as contribuições de um pedagogo brasileiro para cotejar, encantar e arrebatá-la a ótica da ecopedagogia como um novo movimento pedagógico. Este constitui-se um debate que se situa ainda nos seus primórdios, assim como uma consciência ecológica que produza efeitos a partir de uma mudança cultural. De algum modo vem a ser a reposição da pedagogia da práxis, uma vez que a ecopedagogia, consagrando a tensão entre teoria e prática, abrange a todas as dimensões da vida social. Neste sentido, a proposta pedagógica ultrapassa a adesão a projetos de despoluição e/ou preservação, para vir a compreender um desenvolvimento social e sustentável. Ao mesmo tempo pretende-se ir além da escola e impregnar toda a sociedade, todos os ambientes, a começar pela conversão da subjetividade. A exposição deverá demonstrar que a ecopedagogia não se caracteriza pela busca de um suposto equilíbrio harmônico, seja dos elementos da natureza, seja no que se refere ao nexo entre o binômio, indivíduo, sociedade e natureza. Advoga sim que se encontra em andamento uma crise do paradigma ecológico sustentado pela sociedade capitalista, em cuja racionalidade cabe ao ser humano o domínio da natureza. Neste sentido, ela tende a ser compreendida como crítica cultural, como proposta hermenêutica e como mudança qualitativa. A visão expressa a propósito do meio ambiente é de que em tudo se expressam as respectivas conexões e ao mesmo tempo tudo se transforma na história. Segundo a ecopedagogia, para que emergja uma cultura baseada na sustentabilidade faz-se necessário o advento de uma consciência ecológica e a sua formação depende da educação ambiental.

Introdução

O texto toma como referência as mobilizações ambientalistas e ação pedagógica que nasce de maneira correlata com este evento. Sob a ótica da rima entre questões do meio ambiente e o campo da educação entendemos que já é possível visualizar os primeiros contornos de uma ecopedagogia. Esta perspectiva assume da investigação sociológica que o real constitui-se em um contexto de conflitos de interesses em torno da interação no meio ambiente. Âmbito no qual a consciência social alicerçada em traços importantes da ação política, direcionada pela memória e pelo intuito inovador pode ser desenvolvida em consequência dos resultados de conflitos e da construção do saber orientado para a cidadania.

O aperfeiçoamento teórico e a realização do levantamento de dados em diversas pesquisas sob a ótica do meio ambiente contribui com a construção do saber que fundamenta uma percepção de educação ambiental. Cabe reconhecer como basilar da reflexão que a ação pedagógica possui entre os seus intuitos o desvelamento da realidade complexa e obscurecida na qual vigem múltiplas relações sociais. Além disso, a construção do saber, a coerência de pensamento e o diálogo com um conjunto de outras interpretações do mesmo fenômeno social exige um olhar voltado para os atores que constroem as relações sociais.

Nas minhas atividades acadêmicas e nas pesquisas levadas a cabo pode-se constatar e revelar entre outros resultados, um esforço singular para construir nas tribulações e adversidades um referencial quanto ao percurso social e histórico das ideologias. O mesmo é pertinente quando se trata de um processo de educação para formular uma nova perspectiva a propósito do espaço ambiental. Esta proposta, ordinariamente mais detalhada no discurso de intelectuais, de educadores, das lideranças do associativismo, tem obtido em certas circunstâncias a denominação de formação de um novo horizonte político para a ação pedagógica.

A aproximação com a literatura existente sobre a temática da ecopedagogia ainda é uma façanha. Neste sentido, é importante ressaltar que nos restringimos a textos de Moacir Gadotti, entre os quais *perspectivas atuais da educação e pedagogia da terra*. O autor

¹ Doutor em sociologia pela USP e professor do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas. Texto publicado em RUSCHEINSKY, Aloísio (org) (2002). *Educação ambiental: abordagens múlti-*

permite o acesso a teorias restritas e abrangentes e modelos explicativos que propostos por autores e desafiados pelos atores sociais. A prática social leva a reconhecer a necessidade fundamental de testar os paradigmas utilizados.

Como compreender os debates e conflitos sociais que envolvem a educação contemporânea - e nela a educação ambiental como um novo campo emergente - sem levar em consideração profunda a configuração atual dos conflitos em torno da economia, da cultura política, do Estado? Parece quase impossível compreender o estatuto da educação brasileira, o significado do ambientalismo, os movimentos inovadores sem prestar atenção e incluir nas ponderações o confronto vigente entre interesses privados e regulamentação estatal, entre sociedade de consumo e sustentabilidade, entre usufruir da natureza e preservação.

A capacidade de difundir o saber a propósito das suas formas de organização vem ressaltar sua empreitada em termos de atores sociais, conseqüentemente, também em uma prática pedagógica. Enfim, os efeitos da atividade social de organizações da sociedade civil apresenta-se como uma luta social em meio aos conflitos empreendidos pela pluralidade de organismos em prol da educação ambiental.

As organizações da sociedade civil apresentam-se mais significativas na formulação de uma rede de articulações quando possuem o intuito inovador. No setor ambientalista o intuito da educação ambiental torna-se manifesto no significado atribuído à solidariedade em meio ao confronto com o poder político e econômico. Entretanto, é fundamental uma nova forma de solidariedade que faz-se sentir especialmente sob a ótica de construção do saber, do discurso mediador para a demanda de uma vida com qualidade ambiental e da perspectiva da cidadania assegurada.

Educação ambiental e rede de Organizações como atores sociais

Por mais que se faça necessário um inventário crítico do que já se escreveu e se pesquisou sobre o problema colocado em questão temos que reconhecer nos limites de qualquer investigação encontra-se o reconhecimento de que subsistem aspectos a investigar e elucidar. Nesta relação entre o estabelecido e vir a ser colocam-se as raízes democrá-

ticas da construção do saber. Esta questão ainda carece de melhores delineamentos dentro das investigações no campo das ciências sociais, especialmente quando se trata de relacionar articulações da sociedade civil e educação ambiental.

A contribuição que a sociologia pode oferecer ao debate das questões ambientais é demonstrar uma teia de relacionamentos, os confrontos anunciados, entre outros aspectos. A sociologia nos ensina de bom grado que as novas idéias não nascem no ar, ou são um privilégio de especialistas. As concepções de mundo, os valores, as representações sociais, a noção de bem-estar que os indivíduos compartilham, e que os professores ensinam aos seus alunos, são construídas na teia cotidiana das conexões e das interações, são construções sociais e resultantes das relações de poder. Diferentemente não se sucede com as teorias pedagógicas e com as questões ambientais.

Na área educacional com pouca freqüência tem-se ressaltado a conexão entre o campo institucional e a multiplicidade do associativismo em defesa do meio ambiente. A novidade de uma pesquisa pode encontrar-se na tentativa de evidenciar a dimensão educativa na relação entre formas de organização popular e a implementação de políticas públicas, ou entre expressão de uma demanda para um relacionamento com o meio ambiente e a atividade institucional. A ecopedagogia por certo não caberá nos limites estreitos do sistema educacional vigente.

A realização de pesquisas no campo cognoscitivo possui uma dupla propensão a propósito da temática da educação no contexto do associativismo: de um lado remete ao devido destaque do processo educativo resultante das relações entre atores sociais, como ousa ser o caso da consolidação de uma rede associativa; de outro à compreensão do pesquisador de tal forma a vislumbrar dimensões educativas num espaço onde tal não ousa ser a cotidiana prática social.

Considerando que o campo da educação ambiental ainda está buscando as bases epistemológicas para a sua constituição mais sólida entre as interpretações científicas. As investigações e as áreas tidas como tradicionais dos cientistas da educação parecem desconhecer a emergência de uma nova perspectiva denominada de educação ambiental, cuja ótica inovadora se refere à apreensão do objeto da investigação e à interação com os atores sociais que propõem uma nova maneira de integração ambiental. Nestas circunstâncias o emprego da pesquisa qualitativa pressupõe que os indivíduos integrantes da comunidade

de informação, vistos como agentes sobre a realidade, são produtores de relações, bem como ao mesmo tempo também elaboradores de conhecimento.

Ao pesquisador cabe ao mesmo tempo captar aspectos que o discurso não revela de forma imediata e declarada todos os aspectos e causas dos fenômenos sociais. Tal capacidade de detectar elementos ricos da realidade é a base da vocação na tarefa interpretativa do cientista social, de maneira peculiar quando assume um papel proeminente para formular as bases para uma educação ambiental.

Uso da metodologia apropriada é importante para a perspectiva de dados qualitativos, especialmente através de entrevistas individuais ou coletivas com pauta de conteúdos definida. De tal forma que além da coleta pura e simples dos dados se permita a análise de conteúdo educativo captado junto às representações subjetivas dos participantes nas lutas sociais, na conquista de um lugar social e que no momento se transmutam em informantes qualificados. Ora, tal horizonte metodológico engloba também a observação participante junto às instâncias em destaque, delineando a aprendizagem de acordo com o desenrolar dos fatos proporcionados por um conjunto amplo do associativismo com teia social.

O panorama metodológico ainda deve vir integrado por uma perspectiva de retorno. Assim sendo, a primeira e parte fundamental da pesquisa remete a destacar elementos que permitam delinear o processo social em destaque e o encaminhamento para um horizonte interpretativo. Neste campo toda atenção parece necessária para estar aberto às novidades que o campo de pesquisa oferece inclusive no sentido de trazer à tona nuances metodológicas.

O processo de participação popular na elaboração da Constituição brasileira permitiu acentuar determinado enfoque e redefinir patamares de alguns direitos sociais. Após decorrida uma década daquele momento histórico fundamental da cidadania cabe investigar se nas relações enunciadas faz-se presente a mesma perspectiva que animou tal participação no passado recente e se as definições formais incidem sobre o horizonte dos atores sociais em destaque. Além do mais, os cientistas sociais reconhecem que para a vigência da democracia no país urge destacar um processo educativo no campo ambiental instaurado através da organização da sociedade civil e que seja forte o suficiente para varrer a alienação, a destruição desenfreada dos recursos naturais, o clientelismo, assim como o fisiologismo e suas conseqüências. Tais dimensões podem estar presentes do nível nacional ao

local, abrindo espaço para tanto para a implementação da democracia, quanto de pesquisas que desvelem o real.

Uma nova ética para o meio ambiente através da ecopedagogia

A possível relação existente entre ética, meio ambiente e educação não vem à tona de maneira gratuita ou naturalmente através do desenvolvimento capitalista. Emerge no discurso e na prática como construção histórica, ou seja, como saber intelectual elaborado pela reflexão a partir dos desafios que a prática social vem enfrentando e que permite alicerçar a conexão entre os fatores destacados. O nascedouro da ecopedagogia se insere na trajetória da investigação em prol de uma nova perspectiva ética, em cujo horizonte se integrem indivíduo, sociedade e meio ambiente através dos recursos naturais.

Para desenvolver uma reflexão a propósito da temática e para difundir esta interpretação iniciativas corajosas precisam ser tomadas. Realizam-se significativos eventos intelectuais nas universidades e outros fóruns de discussão envolvendo a temática que conjuga óticas relevantes como "ética ambiental e educação". O intuito destes debates, ora de cunho local e cotidiano, ora de abrangência internacional, gira em torno de proporcionar a oportunidade para que dentro da comunidade universitária, e por extensão no seio da sociedade, se suscite um momento excepcional de debate sobre esta temática fundamental para os nossos dias. E para além do debate se venha ordenar as atitudes dos cidadãos em todas as suas atividades sob esta ótica para que enfim resplandeça a cidadania, todavia sempre como desafio de incorporar a participação da sociedade civil e de bem maior a atingir e pelo qual vale a pena lutar.

Ao insistir na ótica da ética coloca-se uma ênfase filosófica na determinação de todo comportamento social. Estão aí acumuladas todas as denúncias de desvios dos mais diferentes tipos quanto ao trato da coisa pública, bem como a ética afeta o comportamento individual de homens e mulheres que pretendem construir a história como atores sociais e sujeitos do devir da sociedade a qual pertencem. A postura ética implica numa construção intersubjetiva da consciência moral, onde as decisões primam por uma coerência racional e pela consideração do outro como um igual, ou melhor como um par para o diálogo na pluralidade e apesar das diferenças.

Ao insistir na temática do meio ambiente por certo sustenta-se que todo desenvolvimento social remete à qualidade da vida como uma totalidade. De certo modo a perspectiva da consolidação de um meio ambiente com dignidade de vida e com destaque para o diálogo com a natureza remete a uma postura ética e altruísta, oposta à apropriação privada que tem como primordial o detrimento da igualdade e envereda sem dó nem piedade no sofrimento alheio.

A história recente tem apontado um destaque para a questão ecológica, inclusive com emergência de órgãos públicos neste campo, vindos à luz como efeitos das mudanças na legislação por pressão política de setores da sociedade civil. Todavia, o tema da ética está presente de forma diversa no trato do meio ambiente e, portanto, cabe destacar que juntar esforços encontra-se na ordem do dia, bem como organizar seminários que pretende debater as alternativas que vicejam com as respectivas discordâncias. É lógico que neste campo conflitivo o debate ou os discursos são insuficientes, urge também a ação política para colocar em prática propostas que o futuro requer implementadas no presente momento.

Ao inserir no temário ecológico o processo educativo passa a justificar-se a referência necessária a um processo pedagógico em que está envolto a ética ambiental. Ainda mais destaca um conjunto de assuntos e suas respectivas ênfases que detém espaço garantido e devem ser tratados em eventos de natureza científica e acadêmica. Na condição em que nos encontramos propor a difusão de uma ética ambiental significa referir-se a um procedimento educativo de larga abrangência. Este por conseqüência envolve a alteração de patamares da consciência social, de tal forma que desemboque na compreensão dinâmica do mútuo enriquecimento entre natureza e humanização.

Sob o ponto de vista da ética ambiental a única educação verdadeiramente consistente é aquela que inicia pela consciência de diálogo entre a natureza como meio ambiente a ação do ser humano no seio da mesma. Trata-se menos de difusão de idéias que o autor entende como totalmente novas, mas de debater uma pedagogia de fazer aprendendo, de ação como experiência pedagógica. Entretanto, dentro das respectivas controvérsias neste campo, é hora de compreender que antes de propor formar consciência, convém suscitar a prática adequada que informa a consciência social e alicerça a compreensão do horizonte de leitura do mundo e de suas respectivas relações. Sustenta-se assim um espaço necessário para o desenvolvimento dos sonhos e das utopias.

Vários temas comparecem ao debate no desenvolvimento do horizonte que anima aos intelectuais e militantes da causa ao confrontar óticas divergentes. Peço licença para citar algumas entre outras: educação ambiental e economia; reciclagem de materiais e alternativas de trabalho; educação para a cidadania e ética; educação enquanto pedagogia para o meio ambiente; mercado de consumo e formas de sobrevivência; novas formas de trabalho, desemprego e ética. Cabe almejar que os participantes de eventos que tratam do relacionamento entre ecologia e ética já não sejam exatamente os mesmos após a participação nas referidas circunstâncias. Nem mesmo a cidadania que se requer para uma prática política coerente neste campo permaneça deitado em berço esplêndido diante de tantos e graves problemas ambientais. Talvez, sem a emergência de uma ecopedagogia se inviabilizaria trabalhar na conscientização por um novo olhar ambiental, bem como pelo reconhecimento de que uma sociedade de riscos permeiam o cotidiano dos cidadãos.

Ecologia e instituição

As instituições sociais constituem-se pilares importantes de sustentação da sociedade e, portanto, representam um setor fundamental nas percepções e leituras que permeiam os horizontes dos indivíduos. A amplitude ou a complexidade institucional pode representar um obstáculo para a sua definição no campo da luta e dos conflitos ambientais. Isto é, estamos apresentando uma interrogação sobre as possibilidades e o teor da definição de uma política ambientalista no campo próprio da institucionalidade.

Ao tomar contato com a definição da filosofia política de FURG (Fundação Universidade Federal do Rio Grande) podemos ler que ela se propõe voltada prioritariamente para o eco-sistema costeiro.

A partir de um olhar mais apurado tudo indica que não só o eco-sistema costeiro, mas também a própria sociedade permanecem um ente abstrato. A concretização ou historicização da afirmativa requer que a instituição seja capaz de distinguir os atores sociais qualificados que atuam no espaço no qual ela mesma se encontra. Desta forma, se evidenciariam os interlocutores que permitem desenhar as estratégias de ação, uma vez que o meio é um constructo e no meio subsistem diversos atores e não somente a instituição. Exageran-

do, podemos afirmar que a instituição não está sozinha e realiza solitária a definição máxima de sua filosofia política. Além do mais, a concretização do ideal traçado requer que fiquem clarividentes as mediações que a instituição pretende colocar em movimento para realizar o que se propõe.

Ousa freqüente associar o discurso a respeito da crise ambiental como uma crise igualmente da civilização, entre cujas características básicas situam-se o domínio da natureza, a industrialização, a tecnificação, a racionalização e a concentração urbana. Encontra-se desafiado o conjunto de características próprias à vida social da modernidade e a cultura do consumo. Ao longo dos séculos tanto os cientistas, quanto as instituições se envolveram num processo pelo qual os elementos culturais e os conhecimentos concretos ou abstratos da sociedade (técnicas, bens e realizações materiais, valores, costumes, gostos, etc.) foram elaborados, desenvolvidos e aprimorados.

A crise ambiental e de civilização significa que estão sendo questionados os pilares da sociedade resultante do processo acima indicado. Abrem-se espaços para o questionamento do conjunto das grandes realizações, em especial, o grau de desenvolvimento tecnológico, econômico e intelectual, que na sua desenvoltura acaba em desequilíbrio. Considerado o modelo das sociedades ocidentais modernas progressivamente colocam-se em questionamento as caracterizadas da diferenciação social, divisão do trabalho, urbanização e concentração de poder político e econômico.

Cabe lembrar que a universidade como instituição moderna é um dos frutos inerentes ao processo apontado acima. Ora, isto permite destacar a interrogação quanto à habilidade para se definir ou redefinir como radicalmente ambientalista, uma vez que possui compromissos intrínsecos com a ciência, a racionalidade, a tecnologia e a ideologia estatal dominante. Nestas circunstâncias, qual o significado da definição de uma universidade voltada para o eco-sistema costeiro?

Dentro do campo da educação ambiental está mais do reconhecida a importância vital que o sistema de ensino pode proporcionar para aprofundar ou difundir perspectivas e políticas ambientais. Especialmente na medida em que neste espaço em particular se podem tratar de aspectos relevantes para refinar as representações sociais e a visão de mundo a propósito do meio ambiente. Obteriam acolhida pedagógica tanto o debate que vise delinear a consciência ecológica, quanto a difusão de programas voltados aos consumidores, à

preservação, à coleta seletiva. Cabe ponderar para a contradição que atividades supostamente orientadas pela mudança, como preservação e coleta, podem enquadrar-se na nova legitimidade que a sociedade consumo precisa. Se de um lado, é possível perceber tais atividades como limitadas no tempo e no espaço, com alcance delimitado, de outro podem dar ensejo à busca por uma outra compreensão pedagógica dentro processo educacional, a ecopedagogia.

Permanência e mudança, institucionalidade e processos sociais, objetividade e subjetividade são resultantes da tensão existente entre o peso das instituições como preservação das estruturas ou pilares da sociedade e a capacidade de ação dos sujeitos sociais ou atores políticos. Mesmo assim, é preciso ponderar para o fato de que as práticas sociais dos sujeitos estão orientadas para manter ou para mudar os conteúdos das estruturas vigentes.

A performance da ecopedagogia nascerá em tensão, conflito, atrito com a perspectiva institucional, porém jamais como um libelo contra as instituições pelo gosto da oposição. Especialmente na medida em que os compromissos plurais da instituição se tensionam com a tarefa de deslindar os atores sociais e setores econômicos ou sociais que mais diretamente incidem sobre a degradação ambiental. Isto se torna tanto mais acentuado quanto maior é a inserção institucional com os setores capazes ou que de fato venham a financiar as atividades meio e fim da universidade.

A ecopedagogia visa a consolidação de uma consciência ecológica ampla, profunda e difusa. Para tal intuito há que se investir em mudanças culturais que afetam a mentalidade, o comportamento como modo de pensar e agir, a cultura política, a visão de mundo, as representações sociais, a solidariedade, a participação. É a tentativa de desenhar e arquitetar a adoção de pontos de vista, de práticas sociais, de movimentos sociais, de projetos políticos que dêem conta dos dilemas ambientais da atualidade.

A ecopedagogia no limiar de um novo milênio

Para vislumbrar o que se entende pelo termo ecopedagogia parece necessário trazer ao debate os fragmentos possíveis de serem destacados. Na aurora de um novo milênio a perspectiva da educação ambiental ainda encontra-se em busca de seus pressupostos, de

seus fundamentos e de suas proposituras a fim de sulcar o seu leito na história. O termo ecopedagogia possui o intuito de vir a ser uma ênfase que venha a dar conta das angústias e do imaginário de educação ambiental. Nossa reflexão supõe que a teoria encontra-se no âmbito de qualquer prática, inclusive a pedagógica. Ao suscitar explicação e fundamentação da prática, iluminando-a e conduzindo-a, a teoria se apresenta sempre em processo de renovação.

O intuito da proposta consiste em destacar as contribuições dos atores sociais na construção do futuro e na reconstrução dos significados das relações sociais. Nestes termos a reflexão permite cotejar, encantar e arrebatrar a ótica da ecopedagogia como um novo movimento pedagógico, cujos alicerces acompanham a riqueza das redes sociais. Este movimento constitui-se num debate que se situa ainda nos seus primórdios, assim como uma consciência ecológica que produza efeitos a partir de uma mudança cultural diante da sociedade de consumo.

A ecopedagogia leva em consideração os principais conflitos explicitados através do discurso sobre a ação política no intuito de veicular uma educação ambiental crítica, bem como a observação de eventos significativos pela sua visibilidade pública através dos quais se configura uma rede de organismos que se visualizam como atores sociais. Pretendemos demonstrar que existe um relacionamento entre a proposta de educação ambiental e a consolidação de uma rede de organizações ambientalistas, de organismos da sociedade civil. Este nexos permite afirmar os efeitos da ação política como fundamento da inovação social.

De algum modo a emergência do paradigma da ecopedagogia significa alguma dose de insatisfação com outros paradigmas pedagógicos vigentes. Vem a ser a reposição da pedagogia da práxis, uma vez que a ecopedagogia, consagrando a tensão entre teoria e prática, abrange a todas as dimensões da vida social. Neste sentido, a proposta pedagógica ultrapassa a adesão a projetos de despoluição e/ou preservação, para vir a compreender um desenvolvimento social e sustentável.

Para dirimir os conflitos ambientais não basta canalizar valos e córregos, coletar resíduos, selecionar os dejetos recicláveis, se indivíduos continuarem no consumo desenfreado, a produzir e a jogar lixo, bem como se a alternativa é aumentar indiscriminadamente a produção. A alerta é a seguinte: se não houver mudança de cultura, as questões substanti-

vas permanecerão intactas. Uma nova cultura compreenderá que a rua, a lagoa, a praia, as valetas são extensão de nossas próprias casas. É o nosso meio ambiente, o nosso habitat. O saneamento básico deve ocorrer inclusive nas mentes, nos comportamentos, nos significados, no imaginário, nos referenciais culturais.

Ao mesmo tempo pretende-se ir além da escola e impregnar toda a sociedade, todos os ambientes, talvez a começar pela conversão da subjetividade. Um processo educativo para mudar a ótica da história, a conscientização que compreende uma totalidade em ação fundamentam ou subsidiam as grandes obras, a coleta seletiva para encaminhar problemas ambientais crônicos. A ecopedagogia compreende uma energia que forja um trabalho para a educação comunitária, solidária. Esta consolida nexos com o desenvolvimento sustentável do ponto de vista social, econômico e cultural. E a nível local pode privilegiar projetos de geração de renda, todavia ecologicamente sustentáveis: desde a produção ao consumo solidário.

A exposição dos fundamentos pode demonstrar que a ecopedagogia não se caracteriza pela busca de um suposto equilíbrio harmônico, seja dos elementos da natureza, seja no que se refere ao nexo entre o binômio, indivíduo, sociedade e natureza. Advoga sim que encontra-se em andamento uma crise do paradigma ecológico sustentado pela sociedade capitalista, em cuja racionalidade cabe ao ser humano o domínio da natureza. Neste sentido, ela tende a ser compreendida como crítica cultural, como proposta hermenêutica e como mudança qualitativa.

Por mais que ainda estejamos no limiar, é possível visualizar que ecopedagogia se afina com o método dialético de leitura do real. A visão expressa a propósito do meio ambiente é de que em tudo se expressam as respectivas conexões e ao mesmo tempo tudo se transforma na história. Segundo a ecopedagogia, para que emerja uma cultura baseada na sustentabilidade faz-se necessário o advento de uma consciência ecológica e a sua formação depende da educação ambiental.

Se o tema da ecologia já encontra-se inserido definitivamente na formação do sistema educacional, na agenda da política, ainda é objeto de conflito, permanece o embate quanto ao significado a assumir no que diz respeito à conscientização ambiental. Qual a orientação ideológica que a ecopedagogia requer?

O desenvolvimento da consciência ecológica repõe problemas de profundidade extraordinária: os alicerces da sociedade moderna, a intensidade de ocupação populacional dos espaços geográficos, o predomínio da razão sobre outras dimensões humanas, o mito da intocabilidade da ciência, bem como o destino da sociedade, da cultura e do indivíduo. O desenvolvimento da consciência ecológica aponta para a compreensão dialética da história, em cujas características desponta que tudo encontra suas respectivas conexões como uma teia social. Cabe compreender os relacionamentos entre viver e morrer, ecologizar e revolucionar, desenvolver e inverter prioridades, consciência e história.

Bibliografia

- BRÜSEKE, Franz J. *Risco ambiental, risco social e risco individual*. XX Encontro ANPOCS, GT Ecologia e sociedade, Caxambu, out/96.
- GADOTTI, Moacir. *Perspectivas atuais da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, _____ *Pedagogia da terra*. São Paulo: Cortez, 2000.
- HOGAN, D.J. & VIEIRA, P. F. (Org). *Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável*. Campinas: Unicamp, 1992.
- LANDIM, Leilah (org). *Sem fins lucrativos: as organizações não-governamentais no Brasil*. Rio de Janeiro: Iser, 1988
- VIEIRA, Paulo F. & MAIMON, Dália. *As ciências sociais e a questão ambiental: rumo à interdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: APED; Belém: UFPa, 1993.
- VIOLA, Edurardo J. et alii. *Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania*. São Paulo: Cortez; Florianópolis: UFSC, 1995.